

DOSSIÊ DEVOÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

doi: [10.25247/paralellus.2024.v15n36.p299-314](https://doi.org/10.25247/paralellus.2024.v15n36.p299-314)

EDUCAÇÃO RELIGIOSA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RELIGIOUS EDUCATION IN CHILDHOOD EDUCATION

LA EDUCACIÓN RELIGIOSA EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

*Sérgio Rogério Azevedo Junqueira**

*Sonia De Itoz***

RESUMO

Este texto é o resultado de um estudo exploratório sobre a questão da educação religiosa no segmento da educação infantil considerando a estrutura e proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), visando compreender como a partir dos campos de experiência que orienta este segmento, assim como a estrutura de desenvolvimento religioso é possível articular uma educação do religioso das crianças para esta fase da educação e considerando uma intencionalidade pedagógica para orientar o processo de ensino e aprendizagem destas crianças e sua inserção na sociedade potencializando as oportunidades de interação entre os sujeitos e as manifestações comunitárias. Pois, na educação infantil é importante reforçar que o cuidar está integrado às ações de conhecer e explorar o mundo. Assim como a formação de vínculos que proporciona segurança afetiva para a criança construir conhecimentos com o mundo e desenvolver autonomia. Propõe ainda o incentivo a autonomia permitindo que a criança enfrente e supere obstáculos. As crianças ficam no centro do processo e por isso é necessário respeitar o tempo de cada

* Livre Docente e Pós-Doutor de Ciência da Religião pela PUCSP; Pós-Doutor em Geografia pela UFPR; Pós-Doutor em Ciência da Religião na UEPA; Pós-Doutor em Educação pela UFPR; Doutor e Mestre em Ciência da Educação pela Università Pontificia Salesiana de Roma; Especialista em Metodologia do Ensino Religioso pela PUCSP; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pelo CEPENMG; Licenciado em Pedagogia pela UNIUBE; Bacharel em Ciências Religiosas pelo CEPENMG. E-mail: srjung@gmail.com.

** Mestre em Educação pela PUCSP; Graduada em Filosofia pela FAI/SP; Bacharel em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assumpção/SP. Pesquisadora do Instituto de Pesquisa e Formação Educação e Religião (IPFER). Coordenadora de Pastoral Escolar e Ensino Religioso do Colégio Emilie de Villeneuve/SP. E-mail: soniadeitoz@gmail.com.

uma, mesmo em atividades dirigidas, todas devem ter tempo e espaço para serem ativas. Cabe ao professor planejar cuidadosamente momentos de livre exploração, pois pela instituição de uma rotina, transmite a sensação de segurança e ajuda no desenvolvimento da autonomia.

Palavras-chave: Educação; Ensino Religioso; Educação Infantil.

ABSTRACT

This text is the result of an exploratory study on the issue of religious education in the early childhood education segment considering the structure and proposal of the National Common Curricular Base (BNCC), aiming to understand how, based on the fields of experience that guide this segment, as well as the structure of religious development is possible to articulate a religious education for children for this phase of education and considering a pedagogical intention to guide the teaching and learning process of these children and their insertion in society, enhancing opportunities for interaction between subjects and manifestations community. Therefore, in early childhood education it is important to reinforce that caring is integrated with the actions of knowing and exploring the world. As well as the formation of bonds that provide emotional security for the child to build knowledge about the world and develop autonomy. It also proposes encouraging autonomy by allowing the child to face and overcome obstacles. Children are at the center of the process and therefore it is necessary to respect each one's time, even in guided activities, everyone must have time and space to be active. It is up to the teacher to carefully plan moments of free exploration, as by establishing a routine, it conveys a feeling of security and helps in the development of autonomy.

Keywords: Education; Religious Education; Early Childhood Education.

RESUMEN

Este texto es el resultado de un estudio exploratorio sobre la cuestión de la educación religiosa en el segmento de la educación infantil, considerando la estructura y la propuesta de la Base Curricular Nacional Común (BNCC), con el objetivo de comprender cómo, a partir de los campos de experiencia que orientan este segmento, así como la estructura del desarrollo religioso, es posible articular una educación de lo religioso de los niños para esta etapa de la educación y considerando una intencionalidad pedagógica para orientar el proceso de enseñanza y aprendizaje de estos niños y su inserción en la sociedad, potenciando las oportunidades de interacción entre los sujetos y las manifestaciones comunitarias. En la educación infantil, es importante destacar que el cuidado se integra con el aprendizaje y la exploración del mundo. Así como la formación de vínculos que proporcionan seguridad afectiva para que el niño construya el conocimiento del mundo y desarrolle su autonomía. También fomenta la autonomía, permitiendo a los niños

enfrentarse a los obstáculos y superarlos. Los niños son el centro del proceso, por lo que es necesario respetar el tiempo de cada uno; incluso en las actividades dirigidas, todos deben tener tiempo y espacio para estar activos. Corresponde al profesor planificar cuidadosamente los momentos de exploración libre, porque al establecer una rutina, transmite una sensación de seguridad y ayuda a desarrollar la autonomía.

Palabras clave: Educación; Educación Religiosa; Educación Infantil.

1 INTRODUÇÃO

A educação infantil é um grande laboratório de convivência fraterna, de construção de conhecimento, de elaboração de pensamentos; é também um espaço de solidariedade para a construção de um mundo mais humano, mais harmônico e mais fraterno. É ainda uma arte pura, *sui generis*, já que educar é sempre e duplamente arte, porque desenvolve a delicadeza do respeito às diferenças culturais, sociais, religiosas e políticas, e porque vê o ser humano como um vocacionado à transcendência, às coisas superiores, ao altruísmo, à solidariedade, à universalidade de pensamento e de afeto. O educar, no infantil, se faz e suscita a esperança transformadora capaz de reunir todos num único e conjunto mutirão de construção de “um novo céu e uma nova terra!”.

Neste espaço inicial da Educação Básica, que é a EDUCAÇÃO INFANTIL, propõem-se também uma educação do religioso das crianças, de forma lúdica, estética e transversal. A transversalidade é o olhar e a sensibilidade da ação pedagógica que perpassa o cotidiano das atividades didáticas e, segundo a identidade e princípios da escola católica, torna possível esteticamente fazer visível e concretizar, por meio de objetos religiosos que estão presentes nos ambientes, experiências de atitudes comportamentais, os valores proclamados e, de forma lúdica, a convivência social das crianças. Compreendendo que as escolas são lugares propícios para o desenvolvimento da capacidade de acolher o outro, de sair de si mesmo, sendo um lugar onde educandos, educadores, profissionais da educação e famílias podem encontrar e compreender o mundo diferente que cada pessoa traz. Ou seja, enriquecidos pela presença do outro, cada um e todos poderão crescer e se desenvolver na percepção, no diálogo e na comunhão.

Entendendo assim que também a promoção de uma educação do religioso quer contribuir no processo de desenvolvimento integral da criança, uma vez que proporciona para ela a possibilidade de ver o mundo sob diversos ângulos e de diferentes formas. O que vai despertando a criança para a convivência com as diferenças, levando-a a respeitar e valorizar, facilitar e compreender, e a situar-se e construir o próprio desenvolvimento e relacionamento, desde a própria dimensão religiosa, como a do outro. Nesta fase do desenvolvimento cognitivo a compreensão do mundo se faz pela concretude relacional por meio de símbolos, rezas, orações, textos e livros sagrados, histórias de referenciais da comunidade e de líderes religiosos, de comemorações e festas religiosas, de nomes religiosos de ruas e estabelecimentos, de arquiteturas e simbologias religiosas, dentre tantos outros. De forma lúdica a criança vai se socializando e familiarizando-se, crescendo física, cognitiva e espiritualmente, tendo como foco principal a sua própria identidade religiosa, mas, considerando também a diversidade inserida no contexto escolar. Isso acontecerá através do diálogo e do respeito às diferenças. É preciso compreender o conceito de religiosidade como experiência religiosa, como uma forma do ser humano externar a busca pelo sagrado, como a abertura ao que vai além de si próprio, aquilo que permite interpretar sentimentos e valores, para a convivência entre indivíduos e relação com o Universo, e que, cotidianamente, se faz no diálogo com o desenvolvimento cognitivo e afetivo de si mesmo, conforme as diferentes fases da vida. Compreendemos essa capacidade como uma experiência do religioso que favorece uma descoberta de sentido na convivência e no respeito a si mesmo, aos outros e ao espaço que ocupa e do qual participa.

2 A EDUCAÇÃO DO RELIGIOSO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na Educação Infantil é importante reforçar que o cuidar está integrado às ações de conhecer e explorar o mundo. Assim, como a formação de vínculos proporciona segurança afetiva para a criança construir conhecimentos com o mundo e desenvolver a autonomia, o incentivo ao próprio protagonismo permite que a criança enfrente e supere obstáculos. As crianças ficam no centro do processo e por isso é necessário respeitar o tempo de cada uma, mesmo em atividades dirigidas, todas devem ter tempo e espaço para serem ativas. Cabe ao professor intencionalmente

planejar cuidadosamente momentos de livre exploração, dentro dos *campos de experiência*, já que pela instituição de uma rotina é que se coloca a sensação de segurança e que é fundamental para a construção do processo de desenvolvimento da autonomia.

Nessa perspectiva, e em vista de uma eficaz articulação, faz-se necessário acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no espaço familiar e contextualizados no ambiente das diferentes comunidades, em diálogo com as propostas pedagógicas da instituição escolar. O processo de acolher a criança na sua potencialidade possibilita ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades do indivíduo, como também diversificar e consolidar novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à identidade e à proposta da família de origem. Dessa forma, ao aproximar os cenários das famílias com a escola, garante-se como aprendizagens a socialização, a autonomia e a comunicação desses indivíduos (BRASIL, 2018).

Especificamente neste segmento não se coloca o Ensino Religioso como um componente curricular, mas se faz presente de forma transversal no que concerne à ação pedagógica dos Direitos de aprendizagem, ou seja, no conviver, brincar, participar, explorar, expressar e no conhecer-se e nos campos de experiência (BRASIL, 2018, 40-44). Considerando que prioritariamente duas situações extremas acontecem no tocante à religião dos pais e dos filhos: uma primeira é quando a religião dos pais está intimamente relacionada a culturas (ex.: islâmica, judaica, cigana) rígidas e restritivas; e uma segunda é quanto à mobilidade, ou seja, quando cada um dos pais adota uma religião diferente. Para Sofia Cavalletti, não se trata aqui na educação infantil de acostumar as crianças a fazerem mecanicamente gestos, ou simplesmente a repetirem palavras, mas efetivamente de propiciar-lhes experiências concretas de relação com outro e com algo que está além dele. A partir de novas experiências e com a maturidade, elas poderão vivenciar uma espiritualidade no Deus da sua comunidade. (CAVALLETTI, 1985, p. 11).

Assim, interações e brincadeiras são entendidas como experiências da criança que possibilitam a construção e a apropriação de conhecimentos por meio de suas ações e convívio com seus pares e adultos, o que propicia desenvolvimento e socialização.

Isso decorre do fato de que a interação ao longo do brincar é uma característica da infância que favorece a aprendizagem da expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2018). E a socialização, como parte da dinâmica escolar, requer que se crie condições que possibilitem a autonomia, a troca e a cooperação entre as crianças. Desta forma, o conhecimento se constrói de maneira contínua, visto que gradativamente ocorrerá a passagem de um estado de desenvolvimento a outro a partir de novas estruturas evocadas das experiências de diversas interações que a criança acessa. Segundo Piaget (1896-1980), o conhecimento não está no sujeito-organismo, tampouco no objeto-meio, mas é decorrente das contínuas interações entre os dois.

O que faz que também a proposta do religioso na educação infantil seja para sensibilizar a criança para a descoberta crescente de si mesma, do outro e da natureza, a de despertar atitudes de aprendizados na autovalorização e valorização do outro como pessoa humana. Na sensibilização da criança para a descoberta crescente de sua própria pessoa, da pessoa do outro com quem convive e do mundo que a cerca, é fundamental que se oportunize situações e experiências que a levem a atitudes de autovalorização no que concerne ao como se percebe e como se reconhece como gente, um ser em potencial com capacidades, possibilidades, limitações. Ou ainda de heterovalorização descobrindo o outro, como gente, tão semelhante a si e tão diferente, reconhecendo neste outro alguém que também tem capacidades, qualidades e limitações (BRASIL, 2018, p. 438).

A questão religiosa é uma expressão da experiência social e só se torna possível pelo desenvolvimento dos processos sensoriais e pela formação da atividade motora da criança. Por outro lado, só se pode dominar o conhecimento e o pensamento acumulado pela sociedade por meio da sua prática e da sua utilização abordando a importância da atividade para a criança (RODRIGUES, JUNQUEIRA, 2009, p. 47-49). Compreendendo que a forma e o desenvolvimento da inteligência da criança é o resultado da sua prática e da existência determinante de um envolvimento social e, nessa perspectiva, conta-se com uma experiência humana adquirida e acumulada através dos séculos e na qual se materializa por afinal o fenômeno da civilização, ou as aprendizagens da humanidade. De fato, a complexidade da organização social humana está materializada em todo o conhecimento prático e teórico da

humanidade. Pode-se mesmo dizer que está expresso na fabricação de instrumentos e ferramentas, na utilização dos eixos de comunicação e no domínio de determinados conhecimentos e técnicas que, no seu todo, traduzem o processo de socialização ou de transformação da criança em adulto (MINICUCCI, 1992, p. 54).

E, especificamente o campo religioso é compreendido como um CONHECIMENTO SOCIAL, que é resultante da aprendizagem de valores, regras morais, padrões de linguagem, convenções, costumes, normas, ou seja, de tudo que possa estar no âmbito de uma determinada cultura. Assim, apenas agindo e interagindo com as pessoas, a criança poderá conquistar esse nível de conhecimento que, diferentemente dos conhecimentos físico e lógico-matemático, não possui a universalidade que os caracteriza, exatamente por ser um produto da conquista das formas de vida, leituras e compreensão de mundo e da organização dos diferentes grupos sociais.

Essa compreensão conduz ao entendimento de que a escola não é somente mais um lugar social e histórico, mas um ambiente de construção e influência direta sobre a sociedade. Para as crianças pequenas, a escola se constitui em um organismo vivo integral, como um local de vidas e relacionamentos compartilhados entre muitos adultos e crianças (MIZUKAMI, 1986). Portanto é preciso considerar a escola como uma espécie de construção em contínuo ajuste, visto que se insere em um contexto de evoluções e de mudanças constantes, além de estar a serviço de uma diversidade de culturas que nela se reúnem. Isso exige das equipes pedagógicas conhecer e atuar com as culturas plurais, em diálogo com a diversidade dos ambientes das crianças, considerando dois eixos estruturantes da prática pedagógica dessa fase da Educação Básica: as interações e a brincadeira.

3 A EXPERIÊNCIA SOCIAL NAS INTERAÇÕES E A BRINCADEIRA

O domínio da experiência social só se torna possível pelo desenvolvimento dos processos sensoriais e pela formação da atividade motora da criança. Aqui, portanto, fica bem destacada a importância psicológica do movimento e seu papel na organização da consciência que se concretiza, entre outras formas, por meio da

imitação, do jogo e do trabalho. Há a necessidade de um trabalho educativo que considere essas múltiplas formas de expressão e possibilite a criança se desenvolver, integralmente, nas interações com os objetos, com as pessoas, com o contexto, com a cultura e com a natureza. A criança cria e recria, usa a sua imaginação e múltiplas linguagens para ocupar e descobrir o mundo ao qual recém chegou.

O desenvolvimento da inteligência da criança é, então, o resultado da sua prática e da existência determinante de um envolvimento social. Nessa perspectiva, conta-se com uma experiência humana adquirida e acumulada ao longo dos séculos, na qual se materializa, afinal, o fenômeno da civilização ou a aprendizagem da humanidade.

Diante desse pressuposto é possível afirmar que o desenvolvimento religioso está vinculado ao desenvolvimento integral, pois cada indivíduo tem experiências religiosas na família, posteriormente em outros contextos culturais e pode vivenciar situações nas quais se cultua, ou não, o religioso. Na infância, esse processo é muito concreto e se dá por meio do tocar, do expressar e do ato de ouvir o Outro como forma de experimentar o religioso. Em todas essas experiências, ressalta-se a importância da concretude plástica e estética a ser vista com o olhar, percebida com o toque e explorada com a expressão interpretativa da criança. Aqui tanto é concretude para ver e tocar os ícones, as artes plásticas, vivenciar ritos como também ter acesso e conhecer a tradição oral e escrita de narrativas e textos sagrados. Já que, nesta faixa etária, o pensamento da criança se caracteriza por uma ausência de esquemas operatórios, o que contribui para o desenvolvimento do pensamento mágico, da imitação, do sincretismo, da fabulação e, mediante uma compreensão, de uma interpretação e recriação própria.

De fato, no desenvolvimento da inteligência, o conhecimento religioso não deve ser uma simples adição de rezas, de orações, de ritos, mas deve se constituir em uma transformação qualitativa de estruturas cognitivas e emocionais, segundo as quais a inteligência religiosa infantil evolui nas descobertas e interações a partir dos contextos familiares, da relação com os adultos, com os espaços culturais, com o ambiente educativo e no contato com a natureza, já que a apreensão do religioso, além de ser o mais complexo conhecimento para a criança, contribui para o

desenvolvimento de sua competência social e emocional e se consolida na própria humanização fraterna, ética e solidária.

Portanto, quanto mais ampla for a gama de possibilidades oferecidas às crianças, mais intensas serão suas motivações e mais ricas suas experiências. Devemos ampliar a variedade de tópicos e objetivos, os tipos de situações que oferecemos e seu nível de estrutura, os tipos e as combinações de recursos materiais e as possíveis interações com objetos, vivências, de iguais e de grupos faixa etária diferenciados. (MALAGUZZI, 1999, p. 90).

4 O DESENVOLVIMENTO DO RELIGIOSO NA CRIANÇA

No processo de desenvolvimento da criança, manifesta-se uma concepção muito simples de Divindade, como a de um ser que age e se revela de modo mais concreto do que abstrato, mas também, com um pensamento mágico. A partir desta concepção de sujeito é que passamos a enxergar o religioso na e para a Educação Infantil.

Quanto ao aspecto do desenvolvimento do religioso nos fundamentamos nos estudos do Prof. Fowler, que compreende que a transição que um primeiro estágio começa com a convergência do pensamento e da linguagem, abrindo o caminho para o uso de símbolos na fala e nos jogos rituais (FOWLER, 1992, p. 106-107). A passagem para o primeiro estágio, **FÉ INTUITIVO-PROJETIVA**, ocorre dos três aos quatro anos e, posteriormente, dos sete aos oito anos. É o momento da fantasia e da imitação, em que a criança pode ser influenciada por ações, histórias, exemplos práticos e por pessoas com quem ela convive. Esse estágio caracteriza-se por uma relativa fluidez do pensamento. A criança defronta-se continuamente com novidades para as quais não se formaram ainda operações concretas do conhecimento. Os processos imaginativos subjacentes à fantasia são muitos e estão em conjunção com formas de conhecimentos dominadas pela percepção e pela imaginação. Nesse estágio, é fértil a produção de imagens e sentimentos duradouros, sejam estes positivos ou negativos. A criança está no estágio que inicia a primeira autoconsciência. Ela é “autoconsciente” e é egocêntrica no que tange às perspectivas dos outros. Aqui encontramos a primeira consciência da morte, do sexo

e dos fortes tabus com os quais as culturas e famílias isolam essas poderosas áreas da vida. Inicia-se o processo de nascimento da imaginação, a capacidade de unificar e captar o mundo da experiência em poderosas imagens, conforme é apresentado em histórias que registram as compreensões e sentimentos intuitivos das crianças no tocante às condições últimas de existência.

Com base nesta teoria do desenvolvimento, compreendemos que é possível observar cronologicamente as mudanças na relação com o religioso, desde a infância até a adolescência. Fowler descreve que “as primeiras noções de Deus” na infância são “assombrosamente concretas e animistas” e é o reflexo da imagem do Pai, ou seja, é a “paternalização da Divindade”. A criança se socializa e aprende brincando. O lúdico, com a finalidade pedagógica, desafia, facilita e influi no desenvolvimento integral da criança.

Para a efetivação deste processo do desenvolvimento religioso é fundante a participação como valor e a estratégia que qualifica a maneira das crianças, dos educadores e dos pais de fazerem parte do processo educativo. É uma estratégia educativa construída e vivida no encontro e na relação dia após dia. A participação gera e alimenta sentimentos e cultura de solidariedade, responsabilidade e inclusão, produz mudança e novas culturas que se medem com a dimensão da contemporaneidade e da intencionalidade (REGGIO CHILDREN, 2013, p. 10-11). De modo singular, complexo e diverso, esses fenômenos alicerçaram distintos sentidos e significados de vida e diversas ideias de divindade(s), e em torno dos quais se organizaram cosmovisões, linguagens, saberes, crenças, mitologias, narrativas, textos, símbolos, ritos, doutrinas, tradições, movimentos, práticas e princípios éticos e morais.

Os fenômenos religiosos em suas múltiplas manifestações são parte integrante do substrato cultural da humanidade”. (BRASIL, 2018, p. 436). E a experiência do religioso é consequência das tradições recebidas, das experiências familiares, dos conhecimentos adquiridos, das reflexões sobre os valores e das vivências proporcionadas às crianças.

5 O RELIGIOSO NOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA

A percepção e o diálogo da leitura religiosa devem ser organizados a partir dos campos de experiências que reconhecem a imersão das crianças em práticas sociais e culturais, criativas e interativas, e que promove aprendizados significativos. Os campos de experiência são um arranjo curricular que organiza e integra brincadeiras, observações, interações e que acontecem na rotina da educação infantil. São os campos de experiência que dão a intencionalidade para as práticas pedagógicas e que colocam a criança no centro do processo.

Mas, o arranjo curricular dos campos de experiências precisa acontecer de forma a que sejam trabalhados com **INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA**. O que significa que é necessário constantemente projetar e planejar atividades que integrem o que está proposto no currículo com os interesses e ideias das crianças de cada grupo. A partir da escuta ativa da turma e do conhecimento aprofundado do documento curricular, o professor propõe e promove aprendizagens que sejam significativas às crianças. Não haverá o Ensino Religioso como um componente curricular, mas estará presente de maneira transversal no que concerne à ação pedagógica dos direitos de aprendizagem, ou seja, “no conviver, brincar, participar, explorar, expressar e no conhecer-se” (BRASIL, 2018, p. 40), e dos campos de experiência.

Verifica-se que, historicamente, isso já vem ocorrendo na prática pedagógica, segundo a identidade e os princípios da escola, levando a aproximar o objeto de conhecimento, que neste caso é o conhecimento religioso, às áreas do conhecimento em geral. Na Educação Infantil, o conhecimento e a educação do religioso se apresentam pela cultura religiosa e se concretiza nos campos de experiências por meio dos objetos religiosos, das interações, das vivências e das representações que estão presentes no ambiente, na convivência social e na partilha de crenças e práticas trazidas de casa pelas crianças, conjunto que, com olhar, escuta e percepção atenta, intencionalmente é evidenciado pelo professor. A proposta de olhar, perceber e tratar a cultura religiosa na educação é sempre sensibilizar a criança para a descoberta crescente de si mesma, do outro e da natureza, despertando atitudes de autovalorização e valorização de si mesma, do outro e do ambiente.

Como indicado anteriormente, “as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira” (BRASIL, 2018, p. 40), assegurando-lhes os direitos de aprendizagem que são organizados nos cinco campos de experiência a partir dos quais se entrelaçam os conhecimentos do patrimônio cultural, inserindo-se também o conhecimento religioso presente na cultura religiosa. Essa inserção se faz quando se apresenta o conhecimento e a linguagem religiosa na dinâmica dos cinco campos de experiência, com as devidas e adequadas interações entre: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala pensamento e imaginação; e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Por esse motivo, a proposta é de uma verticalidade crescente, e não de uma linearidade. Na sensibilização da criança para a descoberta progressiva de sua própria pessoa em relação ao outro com quem convive e ao mundo que a cerca, a proposta é que se oportunize situações e experiências que a criança a cada vez ter mais atitude de autovalorização, na forma como se percebe e se reconhece como gente, ou seja, como um ser em potencial com capacidades, possibilidades, limitações. Ou ainda de heterovalorização, descobrindo o outro como gente, tão semelhante a si e tão diferente, e reconhecendo nele alguém com capacidades, qualidades e limitações (BRASIL, 2018). E, que a criança construa a percepção que é mais ser em relação com um Universo pleno de outras vidas que precisam ser acolhidas, defendidas, respeitadas, valorizadas, dignificadas.

É importante levar a criança a descobrir, por meio de sua autovalorização e da valorização do outro, que os limites e as capacidades de cada um permitem a troca, a relação, os contatos afetivos, corporais, sensoriais, lúdicos e outros que tornam o mundo, sem dúvida, mais dinâmico, mais cheio de possibilidades.

6 NA EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL A EDUCAÇÃO DO RELIGIOSO

Para melhor refletir e aprofundar sobre esse contexto, cabe ressaltar e trazer presente a educação socioemocional, que se refere ao desenvolvimento de habilidades comportamentais relacionadas à maneira de a criança lidar consigo mesma, com o outro, com a sociedade e com o Universo. A educação

socioemocional deve ser considerada a partir de alguns pilares estruturantes e que, ao mesmo tempo, tem relação com o autocontrole e o autoconhecimento. Para isso, a organização e estruturação da educação socioemocional se coloca: no *comportamental*, relacionado à perseverança, à persistência e à responsabilidade; no *cognitivo*, referindo-se a aspectos ligados à empatia; e no *psicossocial*, que explora as possibilidades de resolução de conflitos e a comunicação assertiva.

A educação socioemocional deve, portanto, envolver o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades comportamentais para o sujeito lidar consigo mesmo, com o outro, com a sociedade e com as relações do Universo em geral. Para isso, são trabalhadas intencionalmente, com o objetivo de desenvolvê-las, habilidades que incluem empatia, paciência, autoconhecimento, autonomia, resiliência, criatividade, comunicação assertiva, entre outras. Portanto, é o enfoque que se direciona à formação do estudante enquanto indivíduo social, ao qual deve ser oportunizado o desenvolvimento de atitudes e valores que contribuam para o entendimento do que é ser humano, que estimula ações de transformação da sociedade para torná-la mais humana, e socialmente justa e voltada aos cuidados e preservação da natureza (BRASIL, 2018).

Nesse processo de se descobrir enquanto gente, oportuniza-se à criança a vivência de valores como partilha, respeito, carinho, justiça e fraternidade. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), o conhecimento religioso, objeto do componente curricular de Ensino Religioso, é produzido e, portanto, pode ser aplicado no âmbito dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, articulado aos campos de experiência e de modo interdisciplinar com as diferentes áreas do conhecimento, fundamentado nas Ciências da Religião (BRASIL, 2018).

7 PROVOCAÇÕES FINAIS

Concretamente, na educação infantil, a educação do religioso, como já visto anteriormente, se coloca nos campos de experiências. É fundamental que o trabalho pedagógico contribua para o desenvolvimento de aprendizagens essenciais que possibilitem a compreensão moral e ética dos dilemas da vida, ajudando a discernir,

com base e fundamento nos valores humanos e humanitários, a se posicionar para uma cidadania responsável.

Nesse contexto, o conhecimento das tradições religiosas, das filosofias, da antropologia e da sociologia contribui para a formação do humanismo solidário, que solidifica a identidade autoconfiante e altruísta da criança. É fundamental, para isso, conhecer os aspectos que interferem no desenvolvimento moral e religioso da pessoa, para compreender tanto os processos de desenvolvimento e educação do religioso como as alterações biológicas e psíquicas próprias do crescimento do ser humano.

Na educação infantil, os campos de experiências reconhecem que a imersão das crianças em práticas sociais e culturais são fundamentalmente criativas e interativas e que promovem a ressignificação de aprendizados significativos. O arranjo curricular dos campos de experiência fará sentido, e só terá efeito educativo, se e quando organiza e integra brincadeiras, observações, interações que acontecem na rotina da escola, mas com a intencionalidade de práticas pedagógicas que coloquem a criança no centro do processo. É assim que os campos de experiências podem dar conta e desenvolver a construção de significados nos percursos de aprendizagem, rompendo com a tradição de oferecer às crianças atividades isoladas, de ensinar pela repetição, por processos de automatização.

E, desta forma, todas as interações, atividades e construções podem sempre provocar, umas mais e outras menos em cada vivência, o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas e corporais e, ao mesmo tempo, possibilitar a movimentação ampla, da expressão da individualidade e do respeito pelos ritmos e desejos de cada indivíduo. É preciso para isso favorecer a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão, seja gestual, verbal, plástica, dramática e musical.

Os sentidos que circulam nos campos de experiências estão relacionados à importância das interações com o cotidiano educativo. É na relação com o outro que se constitui o eu — senso de individualidade, identidade e autonomia. Também é nas vivências em grupo que se compreende o nós — senso de coletividade, de

cooperação, de reciprocidade, de solidariedade, de pertencimento ao grupo. O que se relaciona com a ética dos encontros, com a manifestação do pensar, dos jeitos de ser, de crer, de cuidar e de ser cuidado. Ou seja, são as ações e as experiências vividas na jornada constituem a construção dos saberes que marcam e subjetivam o sujeito.

Está nas oportunidades de trocas recíprocas com diferentes parceiros, as crianças atribuem significados às situações, aos jeitos de pensar, de agir e de crer, conforme a cultura local, construindo sentido sobre o mundo e sobre si mesmas, num processo de alteridade — capacidade de se colocar no lugar do outro. E, é nesse processo, a criança elabora novos jeitos de ver o mundo, negociando sentidos, modificando-os ou reforçando-os, em cada oportunidade de interação.

E a linguagem oral, de forma articulada às demais linguagens e possibilidades expressivas, é campo de experiência que comunica uma abordagem democrática dos usos da língua e garante acesso ao patrimônio cultural por meio da participação e das interações. O sujeito, desde muito cedo, ao participar da cultura por meio das suas diferentes linguagens e pelo acesso a histórias, contos, poemas, quadrinhas, músicas e orações religiosas vai constituindo suas narrativas pessoais e de mundo.

Acolher o movimento, como linguagem, é garantir oportunidades para que as manifestações das crianças por meio de interações e de brincadeiras contribuam para o desenvolvimento integral. Nesse sentido, as crianças precisam têm o direito da livre movimentação, do acesso a espaços diversos, a materiais não estruturados, a desafios em planos altos, baixos e médios, a deslocamentos com autonomia, a jogos de faz de conta, brincadeiras tradicionais, dramatizações, danças, músicas, expressões religiosas e a tantas outras situações cotidianas que permitam descobertas, expressividades e interações de qualidade.

REFERENCIAS:

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é base. Brasília: MEC/SEF, 2018.

RODRIGUES, E. F.; JUNQUEIRA, S. **Fundamentando pedagogicamente o Ensino Religioso**. Curitiba: Ibpex, 2009

CAVALLETTI, S. **O Potencial religioso da criança**. São Paulo: Loyola, 1985.

MINICUCCI, Agostinho. **Relações Humanas**. Agostinho Editora: atlas. 1992

MALAGUZZI, Loris. **Histórias, Ideias e Filosofia Básica**. IN: EDWARDS, Carolyn (org.). **As Cem Linguagens da Criança**: A abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância/Carolyn Edwards, Lella Gandini, George Forman; tradução Dayse Batista. – Porto Alegre: Artmed, 1999.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

FOWLER, J. W. **Estágios da fé**: psicologia do desenvolvimento humano e busca de sentido. São Leopoldo-RS: Sinodal, 1992.

REGGIO CHILDREN. **Regimento Escolas e Creches para a infância da Comuna de Reggio Emília**. Reggio Emilia: Reggio Children, 2013.